

DE PORTUGAL AO NORDESTE: “SAUDADE O MEU REMÉDIO É CANTAR”

José Cunha Lima¹

RESUMO

O presente texto embasou-se na linha de pesquisa dos Estudos Culturais, que observa a constituição histórica das identidades culturais. Analisando, com isso, as formas históricas de consciência e de subjetividade, pelas quais os indivíduos constroem uma identidade social e cultural. Metodologicamente, pretende-se fazer a abordagem sobre a musicalidade nordestina produzida nas décadas de 1940 e 1950, por Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”. Portanto, o intuito desse trabalho é compreender a construção da identidade cultural da região nordestina, analisando a saudade e a sua construção e evolução histórica, criando na mentalidade do nordestino, como a região da saudade.

Palavras-chave: Saudade. Nordeste. Música. Luiz Gonzaga. Baião.

*A Saudade não tem História.
Eduardo Lourenço (1999)*

INTRODUÇÃO

Saudade, expressão de origem latina; oriundo de ‘*solitade*’ ou ‘*soledade*’; que é uma derivação da palavra solidão. Etimologicamente segundo Cunha (2000) seus primeiros registros são encontrados por volta do século XIII, como ‘*saydade*’, ‘*soidade*’ e ‘*suidade*’ presentes em poemas trovadorescos. Sendo também uma “lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distintas ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las” (CUNHA, 2000, p. 708).

Ferreira (1999, p. 1822) complementa dizendo que é um “pesar pela ausência de alguém que nos é querido”. Portanto podemos considerar que a saudade é o sentimento em que as pessoas dedicam às lembranças de seus parentes ou pessoas que estão ausentes, de fatos que viveram ou de lugares e objetos que marcaram suas vidas. Isso fez com que a palavra saudade se tornasse símbolo de melancolia e sofrimento. Como descreve Houaiss e Villar:

Saudade, sentimento melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação de presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável. (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2525)

Embora, no senso comum o termo saudade só exista na língua portuguesa, e por isso parece ser um dos vocábulo mais bonitos e expressivos de nossa língua, sabemos que o sentimento é universal e que é percebido e expressado mundialmente de forma diferente. Como narra Lourenço (1999, p. 15) “sob outros nomes ou sem nomes, a saudade é universal, não apenas como desejo de eternidade, mas como sensação e sentimento vividos de eternidade. Ela brilha sozinha no coração de todas as ausências”. Sendo assim todo ser humano sente falta de algo ou alguém, ou até mesmo de reviver determinado momento de nossa vida, que indubitavelmente não volta mais.

SOU PORTUGUESA: BREVE HISTÓRIA DA SAUDADE

¹ Professor do ensino fundamental do município de Araruna – PB. Texto produzido para o TCC da especialização em História Cultural – Campus III - UEPB, Guarabira; sob a orientação da Prof^a. Dr^a Mariângela de Vasconcelos Nunes. E-mail: jscunhalima@hotmail.com

A história da palavra Saudade se confunde com a História de Portugal. De um povo navegante que se lançava ao mar em busca de “conquistas”. Deparavam-se com uma terra ‘estranha’, longe de seus entes queridos, essa marca ficou presente na memória dos que navegavam e dos que ficavam em terra esperando o retorno. Tornando-se a característica de um povo, no caso o povo português. Fernando Pessoa (2006, p. 82) descreve bem essa ausência melancólica no poema *Mar Português*:

Ó Mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar...

Nesse caso a saudade tem o sabor de sal, elemento da natureza essencial na alimentação, ou seja, à vida, caro e muito difícil de ser encontrado ou produzido nesse período. Os que ficavam na Metrópole sentiam tanto a ausência dos seus desbravadores que expeliam lágrimas repletas do sal amargo da saudade. Por isso que, segundo Lourenço (1999, p. 31): “da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento, a ponto de a transformarem num mito”. O período das chamadas “grandes navegações” e o destino errante dos portugueses faziam da saudade o principal sentimento.

Raridade do termo, raridade do sentimento: quanto basta para que no espírito dos portugueses tome forma a ideia de que a lama portuguesa vive e experimenta, com deleite e intensidade sem par, um estado que só nessa palavra intraduzível é possível exprimir. Com a ajuda dos poetas, a cultura portuguesa irá inscrever-se, com uma espécie de complacência, no círculo da saudade, e Portugal torna-se miticamente a terra da Saudade. (LOURENÇO. 1999, p. 23).

Mas foi com o monarca Dom Duarte (1391 - 1438), no século XV, que a palavra saudade definitivamente eclodiu e se incorporou à língua e à alma sentimental portuguesa. Para Albuquerque Jr. (2006) foi durante a expansão marítima portuguesa que surgiu o primeiro grande surto saudosista. Em que “D. Duarte elabora a primeira meditação conhecida sobre a Saudade. Bastaria esta razão para merecer um lugar à parte naquilo a que podemos chamar ‘História da Saudade’” (LOURENÇO, 1999, p. 22).

O monarca-poeta, Dom Duarte, escreveu o livro sobre a saudade, sendo considerado por muitos pesquisadores de autoajuda; cheio de sentimentalismo e insegurança quanto a sua capacidade de governar, na ausência de sua mãe, Filipa de Lancaster, que havia morrido em consequência da peste negra. Sendo assim, a afetividade deu outro sentido à saudade. Como descreve Albuquerque Jr:

D. Duarte está preocupado com a saudade apenas como forma de afecção da alma, que perturba sua saúde, retira a paz, bem supremo para os cristãos. Ele pensa a saudade enquanto aflição da alma, que maltrata os homens, que os fazem viver entre a tristeza, o nojo e o prazer. A saudade, por ter este caráter ambíguo – já que provoca simultaneamente sofrido e consolo do sofrimento, forma de recuperação do bem ou do ente perdido -, pode facilmente se constituir em doença permanente do espírito que se compraz a este dilaceramento, este oscilar entre o doce e o amargo, a luz e a sombra. (ALBUQUERQUE JR, 2006, p. 120).

Para Jorge Dias (1995) a saudade é um sentimento poético de fundo amoroso ou religioso, que pode tomar a forma panteísta de dissolução na natureza, ou se compraz na repetição obstinada das mesmas imagens ou sentimentos. Outras vezes é a ânsia permanente da distância, de outros mundos, de outras vidas. Lourenço (1999) nos diz: “o sentimento de saudade não é o centro das suas análises, nem desempenha o papel único que terá mais tarde,

de sentimento-chave, por meio do qual o enigma da alma portuguesa supostamente se revela”. Não poderia haver período mais propício. Além das “grandes navegações”, havia o sentimento da perda de um ente, no caso a mãe.

Por ser uma característica nacional de Portugal, a saudade não ficou restrita sobre a poesia, mas a toda forma de expressão humana, como observaremos no quadro a seguir:

Imagem 01: Saudade, O Quadro – 1899 Autor: José Ferraz de Almeida Júnior



No quadro que retrata a saudade, o pintor Almeida Júnior, mostra uma mulher lendo uma carta repleta de afetividade, com os olhos cheios de lágrimas, com a saudade em sua expressão facial e corporal, reforçada pelas cores escuras utilizadas na imagem. Segundo relatos o artista teria retratado ali, uma de suas amadas sentindo sua ausência.

Voltando a Portugal, segundo Albuquerque Jr. (2006) houve outros surtos saudosistas, no século XVII, com o escritor D. Francisco Manoel de Melo. Mas foi no século XIX, com a escola literária do romantismo, que a saudade voltou a ser tema de inúmeros inscitos, com poetas como Alexandre Herculano e Almeida Garret; e no século XX com o escritor Teixeira de Pascoais, sendo os maiores representantes deste saudosismo. Como descreve Ferreira sobre o romantismo que era um:

Movimento literário português, essencialmente poético, da primeira metade do século XX, que enunciava uma doutrina filosófica muito vaga, ou saudosista, baseada nos afetos característicos de uma pretensa “alma portuguesa”, e cujo expoente foi o poeta Teixeira de Pascoais (1878 - 1953). (FERREIRA, 1999, p. 1823)

O sentimento saudosista do português é tão presente historicamente, que vulgarmente várias plantas conhecidas cientificamente como *Dipsacáceas*, receberam o nome de flor da saudade. Como narra Ferreira (1999, p. 1822): “designação comum a diversas plantas da família das *Dipsacáceas*, principalmente da espécie *Scabiosa marítima*, e às suas flores; escabiosa e suspiro”. Presente nos campos do país, que também são conhecidas como: saudades-perpétuas e saudades-roxas. Muito comum nos terrenos secos e pedregosos do Sul de Portugal.

Imagem 02: A Flor da Saudade. Foto: Augusto Mota.



Partindo desse princípio, a flor da saudade nasce nas terras áridas e pedregosas surgindo a partir das dificuldades, eclodindo naturalmente na terra, igual à saudade que emerge nas dificuldades de forma espontânea. Outro fato interessante é que o roxo ou lilás é conhecida em Portugal como a cor da saudade.

“O FIM DO TERMO SAUDADE COMO CHARME BRASILEIRO”

Trazendo um pouco para a História do Brasil, o termo saudade, também está presente em nossa produção literária, poética e musical. Tendo como ponto ápice o dia 30 de Janeiro, O Dia da Saudade.

Sendo que esse sentimento nunca foi ligado à identidade nacional. Albuquerque Jr. (2006) destaca os trabalhos de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo como resgatadores de saudade. “Em Freyre, a saudade seria, portanto uma atitude existencial, uma forma de viver o tempo e de se relacionar com a vida, uma forma de reação ao caráter passageiro e efêmero do existir humano e das ações que pratica”. (ALBUQUERQUE JR, Idem, 135).

Para Roberto Da Matta (1993), a saudade é uma categoria do espírito humano e tem dentro de si uma mistura luso-brasileira repletas de valores ideológicos, históricos e sociais. A saudade é um sentimento universal, pois trata da experiência da mudança, da duração, da demarcação e da consciência reflexiva do tempo e espaço, que é inerente ao ser humano. Pois “os que nunca mudaram de lugar, levados pela mão do acaso ou da necessidade, não sentem nostalgia dele”. (LOURENÇO, 1999, p. 34).

A saudade expressa, portanto uma categoria sociológica que pode ser historicamente estudada. Estão relacionadas às vivências e as mudanças, e são apreendidas e construídas socialmente ou historicamente, a partir de várias fontes e experiências. Pois a existência social da saudade como foco ideológico e cultural vai nos permitir a percepção aguda do sentimento. Portanto, a saudade é uma construção individual, coletiva e fragmentada de um povo que está presente na memória dos que sentem falta de algo, ou seja, estão incompletos. Como enfatiza Albuquerque Jr.:

A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perde suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder, esculpido no espaço, serem tragados pelas forças tectônicas da História. (ALBUQUERQUE JR, 2008, p. 127)

O povo Nordestino sofreu e continua sofrendo com esse sentimento, que foi expressado muito bem nos versos de Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, o qual teve que migrar, ou seja, mudar de lugar para ser invadido pela saudade para então, de forma afetiva produzir o seu trabalho.

A SAUDADE NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA

Ao analisar a musicografia produzida por Luiz Gonzaga, logo observamos que a saudade é um tema renitente e presente na vida do migrante e do sertanejo que fica esperando a notícia do parente que se foi em busca de “melhores” condições de vida, ou esperando pelo retorno, mas até o “regresso é obra da saudade” (LOURENÇO, 1999, p. 33).

Retratada na música a seguir: No Meu Pé de Serra. Surgiu no encontro fortuito entre migrantes que se encontraram num espaço que não era o seu (o Rio de Janeiro, em meados da década de 1940), e que por isso, fizeram reviver as lembranças do seu lugar de origem a partir do que era típico de sua região. “A gente queria ouvir alguma coisa Nordeste, que fale da terra, da saudade da serra e do sentimento daquele nosso. Nós somos vizinhos (...) e a saudade é uma só”. (OLIVEIRA, 1991, p. 20). Observamos o que relata Dominique Dreyfus sobre a música:

“Pé de Serra” na realidade é uma polca charmosa e alegre, que encantou os fregueses da Cidade Nova e até os passantes na rua, que pararam à porta do bar para curtir o som fascinante da sanfona. Gonzaga nunca esqueceria a felicidade que sentiu ao ver o público rindo, aplaudindo, gritando, pedindo bis. (DREYFUS, 1996, p. 82).

No Meu Pé de Serra

Composição: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Lá no meu pé de serra
Deixei ficar meu coração
Ai, que **saudades** tenho
Eu vou voltar pro meu sertão

No meu roçado trabalhava todo dia
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira
O xote é bom
De se dançar
A gente gruda na cabocla sem soltar
Um passo lá
Um outro cá
Enquanto o fole tá tocando,
tá gemendo, tá chorando,
Tá fungando, reclamando sem parar

A partir desse acontecimento, Gonzaga começou a contemplar os valores culturais de sua produção musical influenciada pelos ritmos nordestinos. Como afirma Vianna (1998, p. 51): “A partir de então tomou consciência do valor de sua cultura musical naquela cidade cheia de conterrâneos, da possibilidade de afirmar sua personalidade e originalidade musical”. Cabe salientar que nas primeiras décadas do século XX, o Nordeste brasileiro, começou a enfrentar uma série de dificuldades econômicas, políticas e sociais, no qual os principais prejudicados foram aqueles que faziam parte das camadas mais pobres da população, oriundos dos meios rurais, onde eram pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, meeiros e moradores, que na sua maioria, eram trabalhadores sazonais, que acabaram sendo concomitantemente “expulsos” ou “expropriados” de seus pedaços de terras, em função do crescente monopólio da terra.

Outro problema era as grandes secas consecutivas, que também favoreceram esse processo migratório, que forçava os nordestinos a deixarem seu lugar, investindo seus parcos

rendimentos para comprarem as passagens para o “sul” do país, onde era mais um nortista para ser representado pelas canções ‘gonzagueanas’. Como afirma Vianna (1998, p. 57): “E como a miséria agravada pela seca no Nordeste fazia a migração para o Sudeste aumentar, seu público no Rio de Janeiro aumentava”. Em torno desse movimento migratório do “nortista” para o “sul” (sudeste), o migrante deixava para trás parte de sua história, ou seja, não ficam apenas as terras onde moravam, trabalhavam e construíam sua cultura. Mas também pequenos traços, objetos e costumes que fazem parte de sua memória coletiva ou individual, e que será levado e reinventado para onde o migrante for. Como relata Albuquerque Jr.:

Fizeram de Gonzaga um ídolo daquelas populações nordestinas que viviam nas grandes cidades do Sul e que sentiam enorme saudade dos lugares de onde haviam saído, tema privilegiado de suas músicas, onde o sertão aparecia idealizado e este desejo de voltar era permanentemente repetido. (ALBUQUERQUE JR. 2007, p. 120)

Longe de casa estas lembranças afloram na memória do nordestino como uma saudade de tudo que está longe. O migrante procura forças na dor da saudade para superar as dificuldades que está enfrentando, rememorando as recordações do seu tempo de criança ao qual todos eram amigos e brincavam juntos compartilhando a cultura da região. “Na verdade, só quando à ausência, física, se acrescenta o sentimento de que se romperam os laços com esse lugar que fazia parte de nós”. (LOURENÇO, 1999, p. 33).

Sendo assim, Luiz Gonzaga, um nordestino-migrante nas cidades do sudeste, e conhecendo bem a realidade dos “nortistas” ao qual, obrigava os seus próprios “filhos” a saírem de seu lugar de origem, buscou relatar também o retorno, o reviver do seu espaço e de sua afetividade.

Perante o lugar revisitado uma nostalgia saudosa, o que mostra bem que a saudade se enraíza numa outra experiência, (...), que é ao mesmo tempo a mais universal e a mais pessoal, (...), como filhos nascidos no coração do tempo e expulsos do seu lugar de nascimento. (...). Os que nunca mudaram de lugar, levados pela mão do acaso ou da necessidade, não sentem nostalgia dele. (LOURENÇO, 1999, p. 34).

Com o passar dos anos as ondas migratórias não cessaram, pois era necessário ir para em busca de “novos horizontes” ou oportunidades, procurando sustento para suas famílias. Entretanto, a saudade estava presente, em versos tristes, em olhares que não conseguiam disfarçar o sentimento gerador de angústia, repleto de ausências: onde emerge a saudade. Para Oliveira (Idem, p. 68): “a saudade é o sentimento que não falta nas canções de Luiz Gonzaga. Saudade da terra e amor a mulher. E a música ‘Qui Nem jiló’ é a grande definição numa melodia simples”.

Que Nem Jiló

Composição: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira

Se a gente lembra só por lembrar
O amor que a gente um dia perdeu
Saudade inté que assim é bom
Pro cabra se convencer
Que é feliz sem saber
Pois não sofreu
Porém se a gente vive a sonhar
Com alguém que se deseja rever
Saudade, entonce, aí é ruim
Eu tiro isso por mim,
Que vivo doido a sofrer
Ai quem me dera voltar
Pros braços do meu xodó

Saudade assim faz roer
E amarga qui nem jiló
Mas ninguém pode dizer
Que me viu triste a chorar
Saudade, o meu remédio é cantar

Percebemos que o tema saudade é uma constante, nas músicas do “Rei do Baião”, saudade da terra, do lugar, dos amores, da família, dos animais de estimação, do roçado. Albuquerque Jr. (2009, p. 177) complementa dizendo: “Luiz Gonzaga se tornou aquele artista capaz de atender à necessidade do migrante de escutar coisas familiares, sons que lembravam sua terra, sua infância, sons que o levavam até este espaço da saudade em meio a toda a polifonia do meio urbano”.

O interessante na saudade ‘gonzagueana’ é que ela é comparada a um fruto o jiló. Fruto que tem culturalmente a designa o sabor amargo. Amargo como saudade de quem parte ou de quem espera. Mas que muitas vezes pode servir de remédio para as horas nostálgicas de lembranças. Como ratifica Albuquerque Jr. (Idem, 118): “A saudade coloca-nos diante do vazio da própria temporalidade, da necessidade urgente de preenchimento deste vazio com nossas vivências, com nossas experiências, nossos sentimentos e sentidos em relação às coisas e às pessoas”. A lembrança é uma fonte poderosa para a saudade surgir, mas a memória nem sempre deixa o migrante feliz, na maioria das vezes o faz sofrer. Por isso, emerge o sabor amargo da saudade.

A saudade é uma felicidade triste que nasce do encontro fugidio com uma lembrança, é o prazer nascido do fugaz contato com um objeto de desejo que se torna presente por instantes, mas que já vem com o perfume de sua morte anunciada, de seu retorno ao tempo do qual emergiu. (ALBUQUERQUE JR, Op. Cit, p. 121).

O Nordeste parece sempre estar no passado, na memória, evocada saudosamente para quem está nas cidades do “sul” do país. Tudo se transforma em saudade a partir do pensamento do migrante ao ouvir os baiões:

É a lembrança da casa abandonada, esse gosto de mel e de lágrimas, que a palavra-mito dos portugueses sugere. Mas não é nesse destino que devemos colher a origem, a essência do sentimento que a si mesmo se plasma na palavra, no pensamento, da saudade. (LOURENÇO, 1999, p. 12).

Por isso, que a região nordestina, é representada como sendo um sertão mítico, em que se quer voltar sempre. Um interior em que tudo parece estar como antes da migração, um espaço sem história oficial, sem modernidade e avesso às mudanças tecnológicas. Um espaço refém as intempéries climáticas, preso ao ciclo da natureza, fragmentado entre verão, período das secas e inverno, período das chuvas.

Na perspectiva do discurso ‘gonzagueano’ a cidade é o local da perda dos valores tradicionais e culturais do Nordeste, da vida longe da natureza que lhe nutre, da perda dos entes, das almas maculadas. Local do trabalho repetitivo e monótono. O sertão das músicas de Gonzaga é um espaço em que, fica fora das transformações históricas e sociais que ocorrem no Brasil. Lourenço sobre isso nos diz que:

Se nos afastarmos desse lugar afetivo que nos pertence e a que pertencemos, sentimos então aquilo a que chamamos, nostalgia, o estar longe da nossa casa, do nosso lar, do lugar onde nascemos, na acepção própria e figurada. (LOURENÇO, 1999, p. 33)

Na cidade seu pouso, chega a ser desumano, não tendo condições mínimas, de pagar o aluguel de um espaço melhor, dividindo com outros na mesma situação, formando as pensões

na qual a privacidade é a menor possível e onde a tristeza emerge com mais força. Portanto, percebemos claramente nas canções do “Rei do Baião”, o conflito e a dor do nordestino ao ter que viajar para lugares estranhos ao seu conhecimento. Quanto mais os anos passam, mais aumenta a saudade e com isso, a vontade de retornar ao lugar de origem. Como afirma Lourenço (1999, p. 32): “Saudade – é memória em estado de incandescência, que não se confunde, no entanto com ela, pura irrupção do passado no presente ou fuga do presente para o mais antigo de nós mesmos”.

As canções de Gonzaga, entre os nordestinos que participavam da construção de uma identidade regional, entre indivíduos que são igualmente marcados, nestas grandes cidades, por estereótipos. Eles começam a se perceber com “iguais” em sua dor de saudade, falando o mesmo sotaque, tendo os mesmos gostos, valores e costumes, que não ocorriam quando estavam no seu lugar. Sendo assim, os baiões faziam emergir no inconsciente dos migrantes o Nordeste da Saudade. Pois “a sensação sonora presente traz pedaços de passado, cruza tempos e espaços, fazendo o Nordeste surgir no Sul ou o Sul no Nordeste”. (ALBUQUERQUE JR, Idem, p. 180).

Luiz Gonzaga procurava ligar suas músicas às subjetividades díspares que viriam a produzir um “ser nordestino”, migrante movido pela saudade, explorando esse sentimento que os ligam a um lugar, seu timbre repleto de dor é um símbolo da saudade do Nordeste, produzindo uma sensação de proximidade regional. A maioria das letras, como os arranjos exploram as lembranças, emoções e ideias, ligadas a este espaço distante e abstrato, que só a saudade faz explodir. Veja o que relata Lourenço sobre o tema:

A tristeza é experimentada como idealmente passageira; a saudade, pelo contrário faz do “passageiro” algo de idealmente presente. Na verdade, não temos saudades, é a saudade que nos tem, que faz de nós seu objeto. Imersos nela, tornamo-nos outros. Todo o nosso ser ancorado no presente fica, de súbito ausente. (LOURENÇO, 1999, p. 32).

As canções ‘gonzagueanas’ são sempre um elo entre esse “espaço afetivo” que ficou no passado, que só a saudade faz reviver. Um espaço em que o ser humano e a natureza se entrelaçam até no sofrimento. Ou como diz Lourenço (1999, p. 12): “memorial incomparável de nostalgia e saudade dedicado à pura ausência como forma suprema da presença”. Longe de casa e tomado pelo sentimento da saudade, o nordestino migrante implora a Deus por chuva para poder regressar. A chuva não simbolizaria apenas o retorno para realizar o plantio, mas a superação da saudade, pela volta daquele que um dia partiu. A chuva, na voz de Luiz Gonzaga, ultrapassa o fenômeno meteorológico, sendo a superação do sentido do que é a saudade.

A SAUDADE AMARGA “QUI NEM JILÓ”

As duas músicas seguintes não fazem parte dos grandes sucessos da carreira do “Rei do Baião”, são respectivamente: Saudade Dói e Saudades de Helena. Pois lembremos que na medida em que as dificuldades de sobrevivência começam a aflorar no ser humano migrante, a dor da saudade, o desejo de voltar a sua terra natal para reencontrar o seu amor, perto dela ficar e assim nunca mais se separar, eclodem com mais força.

Saudade Dói

Composição: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira
Lalaiá, lalaiá
Lalaiá, lalaiá
Ai, ai, ai, ai
Saudade dói

Se é bom pra sentir
Pra curtir, pra sonhar
Vejam só mais que som
Que o meu fole dar
Se é dengo a roer
Que tu quer recordar
Tamos aí com meu fole
Pra te ajudar
Lalaiá, lalaiá
Lalaiá, lalaiá
Ai, ai, ai, ai

Desta forma este espaço que ao mesmo tempo traz lembranças de amor, se transforma em dor, em um universo de saudade, ao qual o sonhar é associado às mulheres, que procuram iluminar mesmo de forma singela e distante a vida do seu amado. Ficando a espera muitas vezes, de alguém que disponibilizem um pouco de tempo para expressar a aflição daquele que está tomado pela saudade. A tomada do espaço desse ser nordestino que fica a espera de notícias de seu amado, de chuva para a plantação e para os animais, ficando a espera da esperança fomentada pela saudade.

Nesse momento a mulher representa o fruto do ser nordestino, diante da saudade que todos os nordestinos sentem daqueles que partiram para o “sul”. Como não sentir a dor da saudade de um ser que partiu em busca de um destino incerto, aquele que um dia jurou nunca se separar da família, agora partindo para longe de sua presença, fazendo surgir o medo que estes migrantes não voltem invade o interior dos que ficam, só lhe resta a presença da saudade. Saudade esta, sentida por todos aqueles que vivem longe daqueles que amam, mas que precisam deixar o seu coração no Nordeste. Esta situação de saudade eterna, próxima à melancolia, do sentimento de perda, de condição última do ser terminou sendo cantada em versos e prosa pelos baiões de Gonzaga.

Saudades de Helena

Composição: Luiz Gonzaga e Antonio Barros

Saudade ta me matando
Helena vem me buscar
Eu passo as noites chorando
E os dias passo a chorar
Sem Helena a minha vida
É triste, é solidão
É seca braba no norte
É morrer na inundação
É brincar com a tristeza
É viver sem poder viver
É morrer de amor por um beijo
É a luz dos olhos não ter
O nosso amor é tão grande
Maior que o nosso não tem
Helena me compreende
Juntinhos vivemos bem
Mas logo vem a **saudade**
Distantes vamos ficar
Se Helena fica chorando
Eu também fico a chorar

Segundo Lima (2008, p. 35): Helena Neves Cavalcanti, foi muito marcante para a carreira artística de Gonzaga, além do grande amor da vida do cantor. Ela trabalhou como contadora do mesmo a vida toda. Por tudo isso, ela recebeu o apelido carinhoso de “Madame Baião”. Sobre Helena, esposa de Gonzaga, Dreyfus (Idem, p. 124) escreveu: “Nascida em

1926 no Recife, Helena perdera o pai, farmacêutico em Gravatá, quando tinha apenas cinco anos. Chegara ao Rio em 1944, com a mãe, (...). Esta se formara em contabilidade e trabalhava então num laboratório farmacêutico. Fora lá onde ouvira falar de Luiz Gonzaga pela primeira vez”.

A saudade nos versos é um sentimento doentio, sentido muito presente nas poesias do Romantismo Português, e que também se aproxima da doença que os escravizados que viam para o Brasil sofriam, conhecida como banzo. Que segundo Ribeiro (1957, p. 207) era “uma moléstia estranha, que é a saudade da pátria, uma espécie de loucura nostálgica ou suicídio forçado, o banzo, dizima-os pela inanição e fastio, ou os torna apáticos e idiotas”.

O homem que parte para distante de sua amada, deixando com ela o seu coração, o órgão humano que representa o amor e a vida (Del Priore, 2006). A saudade que já está presente, antes mesmo da partida. A partir, do instante que o homem deixa seus entes e sua mulher, ele passa a não mais viver, por isso, que ele entrega o seu “coração” aos que ficam, como companhia cotidiana a saudade. “Espaço e tempo são para nós realidades, o resto daquilo que amamos, lugar da única e precária felicidade” (LOURENÇO, 1999, p. 33).

Sem a mulher querida, o homem não vive. E só a saudade para demonstrar este amor, que aflora a partir da distância. Que na música a saudade é comparada as secas que assolam o Nordeste e que faz o nordestino sofrer, ou seja, um sentimento que afeta a todos, tanto fisicamente, como psicologicamente. Ou até a cegueira, em que limitar a movimentação e percepção do ser humano. A saudade é, portanto um afeto que chega ou parte sem nos avisar, às vezes, nos faz chorar ou rir. Todavia, estas recordações do passado não são necessárias para sanar o vazio que sentimos dos que partem. Longe do seu lugar, até mesmo uma música faz o migrante chorar, lembrando de tudo que deixou.

Entretanto, não foi criado ainda um medidor da saudade, ou seja, não podemos medir a melancolia provocada pela saudade, pois a afetividade provoca em cada um de nós um sentimento único e intraduzível. Eduardo Lourenço (1999, p. 26) explica esse sentimento dizendo: “A saudade é descrita, com perfeita precisão, como uma aflição da alma entre a tristeza, (...) e o prazer. Por outras palavras, inspira umas vezes mais tristeza que prazer, outras mais prazer que tristeza”.

A mulher na música de Luiz Gonzaga representa todos que se sentem invadidos pela saudade daqueles que estão distantes. Onde os problemas serão sanados com o retorno do migrante. Ao relembrar o passado num tempo presente, a saudade é muito importante, pois entra como elemento de conexão, nos permitindo reviver, relembrar e juntar os sentimentos utilizando a memória como fio condutor. Como enfatiza Lourenço (1999, p. 32): “não será a saudade um nome, entre outros, com que se exprime alguma coisa de mais universal-precisamente a dificuldade para todo o ser, feito de tempo”. No entanto, a saudade é um sentimento presente na memória de todos nós, mas é incomparável, e que sentimos muitas vezes, sem perceber, mas não temos como nos afastar deste sentimento, que nos deixa triste para reviver o que nos é ausente, e feliz, quando conseguimos atenuar ou até fantasiar essa necessidade ou ausência. Vejamos o que diz Lourenço sobre isto:

A memória oferece-nos assim o que passou como se existisse, e a imaginação são, como se dizia, uma espécie de “faculdade” da alma, maneiras de encerrar os seus modos de representação. A saudade não é da ordem da representação, mas da pura vivência. (LOURENÇO, 1999, p. 32-33).

Portanto, para Albuquerque Jr. (2001, p. 65): “a saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo espaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si”, ou dos territórios que foram criados para o ser humano. Como é o exemplo da instituição da Região Nordeste, enquanto espaço da saudade. Sendo assim, Ele, Luiz Gonzaga, demarcou as fronteiras do território nordestino.

Em síntese, o Nordeste é a região em que a saudade se manifesta há muito tempo. Um espaço em que essa afetividade é um delimitador do espaço, ou seja, um símbolo. Em que a história serve para conectar temporalidades e espacialidades múltiplas; interpretando representações, discursos e, no nosso caso sentimento de saudade. E que Luiz Gonzaga ajudou a construir esse Nordeste no imaginário dos nordestinos que têm as marcas da saudade em seu ser.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, _____. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007. (coleção Preconceitos; v. 3).

_____, _____. As Sombras do Tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: Marina Haizenreder Ertzogue e, Temis Gomes Parente (orgs.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Pararelo 15, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. 2ª ed. Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2008.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1974.

CALDAS, Waldenyr. *Iniciação à Música Popular Brasileira*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1989, (Série Princípios).

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do Dilema Brasileiro*; 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____, _____. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Jorge. *O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/>>.

DREYFUS, Dominique. *Vida do Viajante a Saga de Luiz Gonzaga*. São Paulo: Editora 34, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, José Cunha. *Luiz Gonzaga, o Baião e o Nordeste: Construção da Identidade Nordestina na Década de 1950*. Monografia (Licenciatura Plena em História – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira/PB), 2008.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade: Seguindo de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARIZ, Vasco. *A Canção Popular Brasileira*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: História Cultural da Música Popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____, _____. Fontes Audiovisuais: A História depois do papel. In: Carla Bassanezi Pinsky (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Gildson. *Luiz Gonzaga o Matuto que conquistou o Mundo*. 3ª Ed. Recife: Editora Comunicarte, 1991.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006, Volume Único.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____, _____. *Música Popular um Tema em Debate*. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DISCOGRAFIA

No Meu Pé de Serra. GONZAGA, L. e TEIXEIRA, H. Intérprete: Luiz Gonzaga. Xote. RCA, 1946.

Qui Nem Jiló. GONZAGA, L. e TEIXEIRA, H. Intérprete: Luiz Gonzaga. Baião. RCA, 1950.

Saudade Dói. TEIXEIRA, H. Intérprete: Luiz Gonzaga. RCA, 1957.

Saudades de Helena. GONZAGA, L. e BARROS, A. Intérprete: Luiz Gonzaga. RCA, 1958.